

«PARA APRENDER, VIAJAR E ESCREVER»:

UMA CARTA PARA DOMINGOS DE OLIVEIRA MAIA (1821)

NUNO RESENDE*

Resumo: *Através do conjunto de 27 cartas adquiridas num alfarrabista antiquário da cidade do Porto em 2011, todas dirigidas a Domingos de Oliveira Maia e datadas de 1821, procuramos aferir das potencialidades desta fonte, como documento para o estudo social, político e até estético num ano particularmente importante da história de Portugal. Do universo epistolográfico, submetido à devida crítica interna e externa, apresentamos e analisamos, com maior enfoque, uma carta que narra a jornada entre o Porto e Lisboa e que consideramos exemplar sobre a apresentação e interpretação do tempo através da viagem, os seus lugares e os indivíduos que neles se cruzam. Carta e jornada encontram-se no século XIX como eixos de uma expressão literária e também documental – aspectos que procuramos abordar neste artigo.*

Palavras-chave: *Carta; epistolografia; fonte histórica; viagem.*

Abstract: *Through the set of 27 letters acquired in an antique dealer from Porto in 2011, all addressed to Domingos de Oliveira Maia and dated back to 1821, we sought to question the potential of this historical source as a document for social, political and even aesthetic study in a particular year of the history of Portugal. From the epistolographic universe, submitted to internal and external criticism, we present and analyze, with greater focus, one letter that narrates the journey between Porto and Lisbon and which we consider exemplary about the presentation and interpretation of the período through the voyage, its places and the individuals that travel and meet in it. Letter and journey are, in the nineteenth century, as axes of a literary and also documentary expression – aspects that we seek to address in this article.*

Keywords: *Letter; epistolography; historical source; journey.*

INTRODUÇÃO

A carta, enquanto género de escrita, inscreve-se num vasto domínio de saberes e interesses que oscila entre os estudos literários e as historiografias. Entre a carta literária, a carta íntima ou a missiva oficial vários têm sido os autores que potenciaram a observação e a dissecação desta categoria como exercício literário ou até estético, elemento biográfico e, ou, documento¹.

A epistolografia constitui, pois, um dos mais importantes suportes para o conhecimento humano. Se para um biógrafo revela-se elemento indispensável para aferir das dimensões da intimidade ou até da psicologia dos indivíduos em estudo, para um historiador ou historiador da arte, a epistolografia apresenta-se como valioso auxiliar para a compreensão social e artística do tempo da escrita. Mesmo que o conteúdo seja insincero², as normas da estrutura expressam valiosa grelha para averiguação de factos, como o salientou André Crabbé³.

* Universidade do Porto – Faculdade de Letras / CITCEM. Email: nmendes@letras.up.pt.

¹ Em Portugal, uma das primeiras tentativas de categorização e sistematização do género epistolográfico foi levada a cabo por Francisco Rodrigues Lobo, na sua obra de recorte tratadístico, *Corte na Aldeia*, publicada em 1619. Cf. LOBO, 1890, vol. I, «Diálogo III Da maneira de escrever e da diferença das cartas missivas».

² Cf. VIANA, 1940.

³ ROCHA, 2013.

Não obstante ser, ainda, recente campo de investigação em Portugal, tem havido um claro incremento na análise desta categoria de fontes, como se depreende, aliás, das presentes conferências organizadas pelo CITCEM e intituladas «As Linhas e as Letras: Epistolografia e Memória da cultura escrita». Forma cultivada com larga expressão na cultura portuguesa a epístola permite entrar no universo memorialístico que possibilita não apenas o acesso aos espaços privados dos correspondentes, mas compreender os mecanismos da sociabilidade do seu tempo e, por extensão, à História no seu significado global do estudo das relações humanas.

A narratividade intrínseca da epístola constitui, por isso, uma das formas mais importantes para a reconstituição do Passado. Relacionada com outras fontes memoria-lísticas e biográficas, como os diários ou os livros de razão, que também permitem o acesso ao «foro privado»⁴ a carta tem sido glosada como um dos principais elementos para estudo dos homens e do seu tempo.

No caso português, a publicação da correspondência de grandes escritores, como Camilo Castelo Branco ou Eça de Queirós, tornou-se exercício quase obrigatório para a documentação do tempo e do pensamento dos indivíduos. O século XIX parece ter sido, aliás, o período de apogeu do culto da carta que entre outros aspectos, contribuía para o relatos das viagens na longa duração do *Grand Tour*. De facto, entre os séculos XVIII e XIX, a carta tornou-se um dos instrumentos mais divulgados como forma de veiculação de descrições e apreciações sobre o território e os Homens.

Esta relação entre carta e jornada não passa despercebida na história da literatura portuguesa, como assinalam as datas e lugares de onde se correspondem os já grandes escritores portugueses citados, ainda que o âmbito geográfico de viagem ambos se distancie abismalmente: Camilo viajou à roda do Porto e Eça chegou a atravessar o Atlântico.

Nesse sentido, no seguimento da aquisição de um conjunto de cartas datadas de 1821 e da circunstância de uma delas descrever a jornada entre Porto e Lisboa num tempo eminentemente político, procuraremos apresentar as potencialidades desta fonte histórica que consideramos primária para o conhecimento e estudo das relações entre os indivíduos e da sua percepção ou actuação do/no tempo histórico.

A FONTE

Entre Abril e Julho de 2011 fomos adquirindo, entre vária tipologia de documentação, cartas que lográmos identificar como sendo, na sua maioria, dirigidas a Domingos de Oliveira Maia (D.O.M.), do Porto. O acervo, constituído aleatoriamente junto de um comerciante antiquário do passeio de São Lázaro, resultou num total de 27 cartas que apresentam proveniências e remetentes diversos, tendo apenas em comum o referido destinatário. Nos sobrescritos indicam-se os vários endereços do receptor: «Em Caza de Antonio Maya», «Maya & Comp.^a» e «Em Caza do snr. Antonio Maya negociante» (figura 1).

⁴ FOISIL, 1990.



Figura 1

Ainda que retiradas ao que poderia constituir uma chancelaria particular, destrocada talvez por heranças ou partilhas, as 27 cartas formam um conjunto epistolar homogêneo cujas datas extremas de produção se balizam entre 5-1-1821 e 22-12-1821⁵. Cobrem, assim, um ano particularmente notável da História de Portugal, porquanto são contemporâneas de importantes movimentações e eventos no âmbito da introdução do Liberalismo no reino.

A compilação, ainda antes da cuidada leitura, transcrição e análise, prometia aos nossos olhos uma interessante incursão pela mentalidade do primeiro quartel do século XIX, um recorte cronológico pontuado por vários acontecimentos com impacto nacional e internacional. Não obstante tratem-se de cartas privadas seria possível (logo pensá-mos) que delas se extraísse informação nos domínios social e político em que moviam seus interlocutores. De resto, conhecendo-se já alguns traços do perfil de Domingos de Oliveira Maia⁶, assim como de Solano Constâncio (um dos remetentes e autor de quatro epístolas) ambos importantes figuras de Portugal oitocentista, supúnhamos, pois, fecunda a documentação adquirida.

Não errara a nossa suposição e à medida que submetíamos cada uma das cartas à organização, transcrição e análise, fomos recolhendo um importante conjunto de registos

⁵ Cf. APÊNDICE.

⁶ Cf. GRAÇA, 2007.

para o estudo da «intimidade social», a documentação biográfica de indivíduos e o conhecimento de geografias locais e regionais da política e do pensamento do chamado *Portugal do vintismo*.

Através da transcrição, leitura, análise e validação (por confronto ou comparação) dos elementos registados nas cartas, tais como onomástica, toponímia e datas, procuramos aferir da fiabilidade dos documentos enquanto fonte, questionando-a numa abordagem hipotético-indutiva.

A CRÍTICA DA FONTE

As 27 cartas são, como já referimos, datadas entre 5-1-1821 e 22-12-1821, correspondendo a um total conjunto de 60 fólios em papel, com dimensões médias de 23,1x19,6 cm (figura 1). Treze apresentam sinais de terem sido lacradas e dezoito exibem marcas d'água (ver quadro 1 em apêndice).

Todas as cartas são assinadas. Os seus produtores e proveniências repartem-se por Portugal, Países Baixos, França e Inglaterra, a saber: A. Jacobs (de Amsterdão), Domingos Ribeiro de Faria (de Londres), F. S. Constâncio (de Paris), João J. Ferreira da Silva (de Lisboa), M. J. Soares (de Londres), Martin Torres Moreno (da Corunha) e N. H. Klingelhoëfer (de Lisboa).

Klingelhoëfer e João J. Ferreira da Silva revelam-se os que com mais frequência (o primeiro dez cartas e o segundo oito) escreveram naquele ano de 1821 a Domingos de Oliveira Maia, destacados da média de 1,8 cartas produzidas pelos restantes.

OS PRODUTORES-REMETENTES

Organizando alfabeticamente os nomes dos remetentes, passamos a fazer uma breve apresentação de cada um, tendo em conta o cruzamento das informações extraídas das cartas (doravante assinalas pela inicial C associada ao número equivalente à ordem cronológica) e dados obtidos externamente a estas.

A. Jacobs

Assina uma carta datada de 3 de Maio, enviada de Amsterdão.

Alude à passagem de D.O.M. por aquela cidade e certos bens «trastes» que ele lá deixou e que foram encaminhados para Portugal («seus livros e mais conteúdo da caixa»)⁷.

Pelo nome e pela data parece tratar-se do vice-cônsul do Brasil em Amsterdão nomeado em 1830⁸.

Domingos Ribeiro de Faria

Escreve de Londres uma carta de 27 de Março.

⁷ C10.

⁸ S.A., 1830: 91.

Alude à política interna⁹, nomeadamente ao «liberalismo que reina nas nossas Cortes, e o Patriotismo, e acerto que caracteriza os nossos Deputados» e na mesma remata: «tudo concorre a fazer-nos persuadir que a época da nova felicidade de Portugal principiou no dia 24 de Agosto de 1820».

Refere certas chaves que estariam numa das casas onde habitara e que julga pertencerem a D.O.M. sugerindo assim uma passagem deste por Londres.

Domingos Ribeiro de Faria foi um dos cativos da Torre de S. Julião da Barra, onde esteve preso de Fevereiro de 1831 a Junho de 1833.

Veio a tornar-se Presidente da Câmara do Porto entre 1850-1851 e existe um retrato seu, de 1858, na Santa Casa da Misericórdia do Porto.

F. S. Constâncio

Redige 4 cartas a 5 de Janeiro, 9 de Abril, 5 de Junho e 17 de Outubro, todas assinadas desde Paris e em cujas epístolas descreve essencialmente a sua actividade como médico e tutor de Agostinho de Oliveira Maia, irmão menor de D.O.M que sofria de patologia debilitante. Descreve os tratamentos médicos (alguns deles inovadores para a época como no caso do uso da electricidade) e a evolução da saúde de Agostinho¹⁰. Em três das cartas alude a aspectos da política interna do Reino¹¹.

Solano Constâncio é um dos nomes mais notáveis do liberalismo e da ciência em Portugal, pois, para além de médico foi escritor, pensador político e diplomata. Doutor em Medicina na Escócia (Edimburgo) foi representante de Portugal nos Estados Unidos entre 1822-1823.

João J. Ferreira da Silva

Redige 8 cartas entre 10 de Novembro e 22 de Dezembro, a partir de Lisboa, onde se deslocou para tratar de negócios seus e de D.O.M.

Descreve a situação política¹², questões de diplomacia¹³ e a vida cultural de Lisboa¹⁴.

É especialmente crítico quanto à Maçonaria assunto a que dirige especial atenção na carta C24.

Parece ser natural do Porto, pois em 1820 o seu nome aparece na lista dos compromissários eleitos para a paróquia da freguesia da Sé do Porto¹⁵.

Em 1845 vem indicado como membro do corpo da Direcção da Associação Comercial do Porto¹⁶ e um ano depois, como um dos directores da Assembleia Portuense¹⁷. Morava, então, na rua da Bainharia, n.º 4.

⁹ C6.

¹⁰ C1, C7, C13, C11, C15.

¹¹ C7, C11, C15.

¹² C17, C19, C20, C24, C26, C27.

¹³ C17, C23.

¹⁴ Música e teatro, C19, C22, C24.

¹⁵ Cf. *Correio do Porto*, n.º 69 (1820, Dez., 15), p. 1.

¹⁶ S.A, 1845.

¹⁷ S.A., 1846: 160.

Martin Torres Moreno

Escreve da Corunha duas cartas, uma de 15 de Novembro e outra de 13 de Dezembro.

Numa das missivas alude à política local, em que participa: «Como la amistad de mi Primo para con usted esta identificada con a la de usted con el, le remito [...] Discurso que pronuncio dias passados com motibo de las elecciones parroquiales»¹⁸; e na outra pede a D.O.M. ajuda para o sobrinho que vai ao Porto tratar de «asuntos mercantiles»¹⁹. Num Almanaque comercial de 1808 é assinalado como comerciante de Bilbao onde se refere que «Trata en varios generos, y embarca granos»²⁰.

Em 1812, durante as Cortes de Cádiz, aparece referido com outros comerciantes de Bilbao como «fugados em Coruna» (exílio político?)²¹ e anos mais tarde, em 1845, é já indicado como vice-cônsul da República do México na Corunha²².

M. J. Soares

Assina, a partir de Londres, uma carta de 23 de Maio, onde aborda a política interna, elogiando o progresso do governo e acusando os «malvados corcundas»²³ de interferirem na imprensa (o caso do «Padre Amaro»). Refere ainda certas encomendas da «Caza» de D.O.M. e a conta de dois chapéus comprados nos chapeleiros *Townsend* de Londres.

Deve tratar-se de Manuel Joaquim Soares que, em 1833²⁴, contribuiu para apoio às viúvas e órfãos «dos bravos compatriotas que tem Cahido no Campo da honra». Foi um dos contribuintes da causa liberal que ofertou 2000 libras esterlinas para fretar um vapor destinado a transportar «emigrados» liberais portugueses desde Inglaterra, durante a Guerra Civil, citado na obra de José Liberato Freire de Carvalho²⁵.

Negociava, no referido ano de 1833, em urzela, uma planta tintureira de origem africana²⁶.

N. H. Klingelhoëfer

Assina dez cartas entre 24 de Janeiro e 24 de Novembro.

Morava na rua de São Francisco em Lisboa, de onde diz ter assistido a uma procissão e a este propósito assinala: «tomara eu ver fim a estas procissões que a poder e muitos males que trazem consigo o mais sinistro hé o de fazerem a gente ociosa»²⁷.

Parece ter sido companheiro de viagem de Domingos de Oliveira Maia²⁸.

Através das várias cartas que dirige ao Porto (cidade que ainda não conhece, mas cujo carácter elogia) revela ser fervoroso liberal pois discute política interna referindo-se

¹⁸ C18.

¹⁹ C25.

²⁰ S.A., 1808: 296.

²¹ S.A., 1812: 210.

²² RODRIGUEZ DE S. MIGUEL, 1845: 119.

²³ C11.

²⁴ CARVALHO, 1842.

²⁵ cf. *idem*.

²⁶ Cf. *Chronica Constitucional de Lisboa*, n. 114 (1833, Dez., 5), p. 636.

²⁷ C3.

²⁸ C9.

à «nossa Cauza»²⁹, aos «corcundas»³⁰ ao Brasil³¹ (sublevação na Bahia)³² ao caso político do secretário Joaquim Pedro Gomes de Oliveira³³, à prisão do major Duarte Pimenta³⁴ e à nomeação dos «diplomáticos»³⁵.

Disserta sobre economia advogando medidas proteccionistas contra os estrangeiros, nomeadamente a propósito das «Casacas de brix» e «pautas de música» e até do nascente turismo³⁶. Discorre, também, sobre a sociedade, os portugueses e os estrangeiros³⁷, em particular os Ingleses³⁸ sobre cujo povo é particularmente crítico.

Próximo às artes musicais, de que se revela conhecedor e apreciador, refere as «Academias de Musica», realizadas ao Sábado, com a presença de Bomtempo (João Domingos Bomtempo) e Tonniano³⁹ e ainda à atriz (cantora?) Brescia.

Parece tratar-se do *Klingelhoëfer* citado, em 1821, numa revista de música alemã⁴⁰, e documentado em 1841, sendo ainda morador na dita Rua de S. Francisco.

O DESTINATÁRIO

Domingos de Oliveira Maia, figura já conhecida da historiografia da arte em Portugal, destaca-se pela imagem que dele já se fez – a de um ilustrado viajante e autor amador de riscos de arquitectura que viveu entre 1798 e 1863⁴¹. A sua posição na sociedade portuguesa da primeira metade do século XIX, quer por vínculos familiares, quer pelos cargos que exerceu, colocam-no num estatuto privilegiado que o recorte epistolar aqui apresentado, confirma.

Em 1821 Domingos de Oliveira Maia tinha 23 anos e parece gerir um vasto mundo de interesses que se relacionam com negócios, política nacional e interesses culturais. Os seus interlocutores revelam o alcance do seu círculo de conhecimentos relativamente a política interna e externa, diplomacia, economia, legislação e práticas culturais – nas quais se destacam a música e o teatro.

M. Sampayo⁴² descreve-o como um aristocrata e efectivamente Domingos Oliveira Maia recebeu em 1816 o foro de Fidalgo Cavaleiro da Casa Real. Contudo, as cartas que adquirimos e agora apresentamos descrevem um perfil mais consentâneo com o de um burguês, negociante liberal com relações semelhantes na política e no corpo diplomático português da sua época.

²⁹ C2.

³⁰ C5.

³¹ C4.

³² C8/C12/C21.

³³ C12.

³⁴ C14.

³⁵ C16.

³⁶ C2.

³⁷ C2.

³⁸ C4.

³⁹ C3.

⁴⁰ Cf. *Allgemeine Musikalische Zeitung*, n.º 33 (1818, Ag., 19), p. 599.

⁴¹ Cf. GRAÇA, 2007.

⁴² GRAÇA, 2007.

Embora não haja qualquer alusão directa à viagem que terá efectuado, em 1820, na companhia do seu irmão Agostinho, «sempre doente, em tratamentos em Paris» (como assinala M. Sampayo) a presença deste é constante durante o ano de 1821. Deve-se ao seu estado, aliás, toda a correspondência com F. Solano Constâncio, médico responsável pelo tratamento do «mano Agostinho», como atrás referimos.

O estudo do perfil dos seus correspondentes diz-nos, aliás, um pouco mais sobre o posicionamento político de Oliveira Maia, sobretudo através do diálogo (que para nós é apenas monólogo) com Nicolau Klingelhoëfer. Provavelmente mais novo do que Domingos (refere-se a si próprio como «hum moço de talento» C2) o jovem de origem germânica discute aguerridamente questões várias sobre política interna e externa, salientando os esforços e as conquistas obtidas pelos liberais e menosprezando as conspirações dos «corcundas» e dos «fradengos». E fornece-lhe indicações algumas vezes detalhadas sobre o movimento cultural de Lisboa, de onde destacamos a realização semanal das *Academias de Música*, que em sua casa juntavam vários artistas, nomeadamente o célebre e já referido Bontempo.

Sobre outros interesses de Domingos de Oliveira Maia, pouco sabemos. Pelo teor das cartas de Domingos Ribeiro de Faria, M. J. Soares e A. Jacobs, que escrevem de Londres e Amsterdão, supomo-los de algum modo correspondentes comerciais da casa dos Maias. Todos, porém, concordam nas mudanças políticas que exaltam e para cuja causa contribuem com considerações várias, como a qualidade dos deputados às novas Cortes⁴³ ou a necessidade de frustrar as conspirações dos «malvados corcundas»⁴⁴.

Dentro deste perfil de agente, representante ou até procurador, encontra-se João José Ferreira da Silva, para cuja identificação tentámos atrás algumas contribuições. Embora pouco logremos, até agora, descobrir sobre a sua origem, supomos ser da idade aproximada de Domingos de Oliveira Maia. Assim o denuncia o estilo da escrita, a forma como descreve o *Outro* e se inscreve no tempo que assiste, de uma forma irreverente e crítica.

É, aliás, esta expressividade que confere à sua narrativa uma importância quase diarística. As suas 8 cartas, remetidas ao longo dos meses de Novembro e Dezembro de 1821 são particularmente minuciosas nos reparos que faz à vida social e política, às questões interpartidárias, mas também ao mundanismo da corte portuguesa, que frequenta nesse período.

A sua primeira carta constitui a descrição da *jornada* do Porto a Lisboa a qual por se revelar um extraordinário documento sobre um percurso e o tempo em que se desenrola, e por constituir um tópico literário da época, passamos a analisar.

⁴³ C6.

⁴⁴ C11.



Figura 2

A JORNADA

A carta de João José Ferreira da Silva a Domingos de Oliveira Maia, datada de 10 de Novembro de 1821, narra a jornada que o autor fez entre o Porto e Lisboa nos dias 2 a 5 do dito mês.

O itinerário realizado pelo narrador corresponde ao traçado da estrada real do tempo de D. Maria I, que sobrepõe ou aproveita em grande parte o canal do antigo itinerário medieval (de provável substrato romano) o qual, paralelo à costa atlântica ligava o sul ao norte da península ibérica (figura 2) e, nomeadamente, Lisboa ao Porto.

Desta cidade saiu J. Ferreira da Silva às 6h da manhã do dia 2 de Novembro, tendo caminhado, até à hora do jantar, até Santo António, onde um dos seus machos adoeceu. A viagem de quase um dia leva-nos a situar o lugar de Santo António, não nos Carvalhos,

onde existia esta invocação e uma estalagem, mas a Arrifana do Sousa, povoação também acolhida sob a protecção do taumaturgo lisboeta.

Daí seguiu o narrador para Oliveira onde o fizeram apresentar ao Juiz de Fora a «referendar o Passaporte» e onde se lhe juntou um estudante de Coimbra de apelido Lopes que ofereceu a Ferreira da Silva a sua besta para compensar a perda do animal em Santo António. «E então principiámos uma bela jornada, pois que admitia conversa e chalaça de gosta», como ele mesmo refere.

A chegada a Albergaria implicou novos encontros, nomeadamente com os dois padres donos da estalagem local⁴⁵ e um «senhor figurão, ex-Capitão-mor» cuja reunião resultou num voltarete e, ao que parece, em ganho para o narrador. A alusão à presença de dois frades «sendo um Bento e outro Bernardo», estimulou a crítica de pendor anti-clerical de Ferreira da Silva que, na presença de ambos, diz ter-se disposto para a «caçoada», rematando, porém: «eis senão quando soubemos que um era Opositor e por isso escaparam em atenção ao Lopes»⁴⁶.

Atravessando Águeda, foi almoçar ao Sardão, uma povoação à beira do Vouga, onde passou por estudante. Descreve aí uma prática ainda em uso em alguns locais de convívio, a de deixar escritos versos na parede, cujo teor poderia ser crítico ou satírico, como parece sugerir a sua afirmação: «aí [Sardão] não esqueceram os costumados versos na parede etc.ª: na Moraria, tive bem direito de perguntar onde estão eles ...porém tive medo, por que eramos poucos».

Jantou na Mealhada e chegou à noite a Coimbra, tendo pousado na estalagem da Galega. É curiosa a descrição de uma Coimbra matinal que o narrador faz: «Silêncio, misantropia, mudez e solidão», acentuando assim o carácter da paisagem cognitiva que atravessou até chegar a Condeixa, onde almoçou no dia 4.

Descreve, depois, a feira do Pombal que «quase se compunha só de porcos», tendo ido dormir a Leiria. Diz ter jantado nos Molianos, lugar que o manual de viajantes de 1762⁴⁷ assinala ser a 5 léguas daquela cidade e em cujo pousou ouviu a «conversa duns ladrões que não julgavam eu os estava ouvindo dentro duma porta [sic]» – relevante apontamento para documentar os o latrocínio como um dos perigos mais frequentes das viagens.

Em Rio Maior, onde descansou, viu e ouviu «duas lindas raparigas a cantar genuinamente» e em Alcoentre encontrou um Batalhão expedicionário, que lhe causou má impressão pela bulha que faziam. Notou a «imensidade de mulheres» que acompanhava os militares e que, segundo ele, compunha um segundo batalhão. E remata: «não sei qual é o interesse porque aquelas mulheres seguem a uns homens que nada têm para lhe dar pois que eles nada possuem».

⁴⁵ Uma alusão a esta estalagem e aos seus proprietários vem referida no romance «Roberto Valença» de A. Augusto Teixeira de VASCONCELOS, 1848: 99: «Não o seguiremos na jornada: fôra uma dôr de coração contar aqui os saltos, que por aquellas estradas intransitáveis, dava a pobre carruagem, as saudades, que da sua boa cama de cortinado assaltaram o conego na estalagem de Souto-Redondo, e na dos padres de Albergaria, já então grandes causticadores, e desafinados rabequistas [...]».

⁴⁶ Opositor era o candidato a regente de disciplina ou cátedra. Deprendemos que sendo o companheiro do narrador, o Lopes, estudante em Coimbra, o início de polémica podia ser-lhe funesta no contexto académico.

⁴⁷ Cf. RODRIGUEZ CAMPONEZ.

Almoçou em Vila Franca de Xira e pelas quatro horas da tarde chegou a Lisboa, onde se alojou numa hospedaria de que, aparentemente, já tinha sido frequentador com Domingos de Oliveira Maia – «nossa Hospedaria» – assinalando, contudo, que pretendia mudar-se para a da Lacombe «para ter a companhia de alguns sargentos conhecidos, como é o Santos, o Neto, o Adrião Ferreri e alguns bacharéis».

A carta prossegue com alguns assuntos tratados fora da jornada, nomeadamente notícias sobre obras na cidade: «o monumento que se anda fazendo no Rossio» e «o quarteirão queimado pelo lado dos Capelistas», ou as obrigações que o trouxeram a Lisboa, nomeadamente certas diligências que incluíam um encontro com Klingelhoëfer, uma ida ao São Carlos, a conversa com «certos fulanos» e uma passagem em S. Francisco onde Ferreira da Silva diz ter visto «aquele peixinho um pouco desfigurado», mas sem certeza, «por já ser tarde». Discursa como à vontade sobre os homens e o tempo político, nomeadamente quanto à questão do Brasil (então ainda centro político do reino), a que parece aludir a referência: «não fui às Cortes, e por isso não vi nem ouvi os tais Cariocas». Menciona também uns arbustos pedidos a um tal António Manuel dos Santos e cujo destino seria o quintal de Domingos de Oliveira Maia.

Há, finalmente, alusão a certo trabalho editorial do narrador («já publiquei a tal historinha do Neto») o qual, aliás, resulta numa carta-resposta anexa à missiva e se depreende seja resultado de polémica dirimida em periódico político da época. A carta de Ferreira da Silva constitui um alfobre de referências hipertextuais entre os homens políticos e as suas acções no fervilhante ano de 1820.

DA JORNADA COMO PRÁTICA, DA CARTA COMO ESTILO

O nosso interesse nesta carta advém do teor da mesma, ou de como a jornada adquire uma expressão única no nosso conjunto epistolográfico. Entre as notícias políticas, de negócios ou de sociedade, a viagem do Porto ao Lisboa constitui uma experiência digna de ser minuciosamente narrada.

Por jornada entende-se «todo o caminho, que se anda hum ou mais dias, até chegar ao termo da viagem», como refere Bluteau no seu *Vocabulario Portuguez*⁴⁸. Era portanto tempo e caminho longo que exigia cuidados e podia motivar observações diarísticas dos seus intervenientes. Jornadear no Portugal de oitocentos revela-se «percurso longo e trabalhos»⁴⁹ que os nacionais aproveitavam integrando-a na literatura como tópico, como motivo ou estilo, apresentado, por exemplo, por Almeida Garrett em *Viagens na minha terra* e eximamente trabalhado por Camilo em *Vinte horas de liteira*. De resto, nesta coletânea de contos, a trabalhosa e extensa jornada de Vila Real ao Porto é utilizada como fio condutor ou *leitmotiv* da escrita novelística⁵⁰.

Efectivamente o jornadear pelas estradas e caminhos portugueses constituía em oitocentos uma forma de aprendizagem mas também apreciação crítica e satírica sobre o

⁴⁸ BLUTEAU, 1713: 193.

⁴⁹ VIANA, 1945: 88-89.

⁵⁰ Cf. CASTELO BRANCO, 1966.

estado do país. Um insuspeito romancista como Júlio Dinis, mais cultor do social, do que do território, descreve nas suas cartas mais íntimas, as frequentes impressões da sua geografia pessoal, em Ovar, Aveiro ou no Funchal⁵¹ que podem resumir-se como as «íntimas vivências geográficas, folclóricas ou históricas» a que alude A. Crabée⁵².

A carta de João José Ferreira da Silva adquire subida importância no sentido em que se trata de não só de um exercício epistolográfico, mas também um relato social e político elaborado por um possível periodista envolvido na política do seu tempo. O seu jornaldar num território fracturado pela eminente divisão liberal-absolutista, mais preocupado com as questões sociais e as relações entre os indivíduos, do que com a paisagem e os monumentos, como fazem os estrangeiros no mesmo percurso e no mesmo tempo, revela os aspectos sociais de um liberalismo em definição e expansão.

É aliás pertinente que assinalemos a forma como Ferreira da Silva descreve o caminho ou a estrada que percorre, enquanto extensão dos lugares sociais e políticos que conhece, nomeadamente o Porto – por oposição a Lisboa, como refere quando lamenta o tempo chuvoso que encontrou quando chegou àquela cidade: «[...] e seres (nesse porto) tão feliz como eu, pois que logo que cheguei, começou a chuva fortemente».

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cartas que adquirimos, no âmbito do nosso interesse pela sua investigação e aplicação propedêutica (nomeadamente através da exploração e apresentação pedagógica das potencialidades da epistolografia enquanto fonte) revelaram-se notáveis documentos sobre a política e o pensamento de uma certa burguesia participante na construção do Liberalismo em Portugal. Elas salientam, através das suas notícias, críticas e notas, o papel das elites intelectuais e comerciais na articulação de contactos e mundos de referência na geopolítica internacional.

Mas permitem, sobretudo, um olhar íntimo sobre os espaços públicos e privados e, em alguns casos, reconhecer as práticas e os lugares a eles associados como as estradas, os caminhos, as estalagens, etc. – lugares por vezes arredados da Grande História, e que a Antropologia e a Filosofia recobriram recentemente para os domínios/categorias/conceitos de heterotopias e distopias⁵³, do lugar e não-lugar⁵⁴, etc. Efectivamente tais lugares constituem referências físicas e geográficas, mas também sociais e mentais, que a literaturas de viagem e epistolográfica exploram também no âmbito da fenomenologia: as experiências sensoriais dos viajantes ante estes espaços de encontro e de circulação, o reconhecimento dos indivíduos que as frequentam e as suas acções, gestos e atitudes – no fundo a estética do lugar.

A carta-jornada que aqui exploramos serviu para acentuar a importância da viagem como experiência social. No caso, a viagem entre Porto e Lisboa, as duas principais cida-

⁵¹ Cf. DINIS; MONIZ (s.d.).

⁵² ROCHA, 2013: 406.

⁵³ FOUCAULT, 2003.

⁵⁴ AUGÉ; PEREIRA, 2006.

des de um reino sem rei naquele presente revela-se quase uma metáfora do *continuum* geográfico e político na coluna vertebral do reino: a velha estrada Porto-Lisboa, que liga os principais palcos políticos de uma nação em ebulição.

BIBLIOGRAFIA

- AUGÉ, Marc; PEREIRA, Miguel Serras, trad. – *Não-lugares: introdução a uma antropologia da Sobremodernidade*. Lisboa: 90 Graus Editora, 2006. 972-8964-02-1.
- BLUTEAU, Raphael – *Vocabulário português e latino [...]* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1728, 12 vols.
- CARVALHO, J. L. F. d. (1842) – *Ensaio político sobre as causas que prepararão a usurpação do Infante D. Miguel no anno de 1828 [...]*. Lisboa: [Na Imprensa Nevesiana].
- CASTELO BRANCO, C. (1966) – *Vinte horas de liteira*. Lisboa: Parceria A.M. Pereira.
- DINIS, Júlio; MONIZ, Egas, introd. – *Cartas e esboços literários*. Porto: Livraria Civilização, [s.d.].
- FOUCAULT, Michel – «Outros espaços» [pub. 1984]. *Ditos e escritos III – Estética: Literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- GRAÇA, M. d. S. P. A. (2007) – «Domingos de Oliveira Maya percurso de um riscador amador ou da responsabilidade técnica no Porto de meados de Oitocentos». *Artistas e artífices : e a sua mobilidade no mundo de expressão portuguesa. Actas do VII Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte*. N. M. Ferreira Alves, org. Porto: CEPES.
- RODRIGUEZ Campones, P. (1762) – *Noticia geografica del reyno y caminos de Portugal*. Madrid: [En la Oficina de Joachin Ibarra].
- RODRIGUEZ DE S. MIGUEL, J. (1845) – *La República Mexicana en 1846 [...]*. México: [Imprenta de J. M. Lara].
- [S.A.] (1808) – *Almanak mercantil o Guia de Comerciantes*. Madrid: [En la Imprenta de Vega y Compañia].
- [S.A.] (1812) – *Diario de las discusiones y actas de las Cortes*. Cádiz: [En la Imprenta Real].
- [S.A.] ([1830]) – *Almanach Royal de la Cou des provinces meridionales de la ville de Bruxelles pour l'An 1830*. Bruxelas: [V.e Ad. Stapleaux, Imp. Lib. du Roi].
- [S.A.] (1845) – *Parecer da direcção da Associação Commercial do Porto: sobre o officio que a Comissão dos Lavradores de Cima-Corgo dirigiu á mesma Associação [...]*. Porto: [Associação Commercial do Porto].
- [S.A.] (1846) – *Directorio civil, politico, commercial, historico, e estatistico da cidade do Porto e villa nova de gaya, para o anno de 1846*. [Porto]: [Typographia Commercial].
- VASCONCELOS, A. A. T. d. (1848) – *Roberto Valença: romance*. Lisboa: [Na Imprensa Nacional].
- VIANA, Mário Gonçalves – *As viagens terrestres dos portugueses*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1945.

APÊNDICES

Tabela 1 – Relação das cartas para Domingos Oliveira Maia (1821). Col. particular de Nuno Resende

N.º	Ano	Mês	Dia	Remetente	Destinatário	Procedência	A	L	Fólios	Lacre	Marca d'água
C1	1821	Jan	5	F. S. Constâncio	Domingos de Oliveira Maia	Paris	25	19,7	2	SIM	NÃO
C2	1821	Jan	24	N. H. Klingelhoëfer	Domingos de Oliveira Maia	Lisboa	25	20,2	2	NÃO	SIM
C3	1821	Fev	14	N. H. Klingelhoëfer	Domingos de Oliveira Maia	Lisboa	24,6	20,2	2	SIM	SIM
C4	1821	Mar	10	N. H. Klingelhoëfer	Domingos de Oliveira Maia	Lisboa	25	20,3	3	NÃO	SIM
C5	1821	Mar	14	N. H. Klingelhoëfer	Domingos de Oliveira Maia	Lisboa	20,3	23,5	2	SIM	SIM
C6	1821	Mar	27	Domingos Ribeiro de Faria	Domingos de Oliveira Maia	Londres	20,1	24,7	2	SIM	NÃO
C7	1821	Abr	9	F. S. Constâncio	Domingos de Oliveira Maia	Paris	22,4	18,2	3	SIM	SIM
C8	1821	Abr	16	N. H. Klingelhoëfer	Domingos de Oliveira Maia	Lisboa	24,5	20,1	2	SIM	SIM
C9	1821	Abr	25	N. H. Klingelhoëfer	Domingos de Oliveira Maia	Lisboa	23,6	20,2	2	NÃO	SIM
C10	1821	Mai	3	A. Jacobs	Domingos de Oliveira Maia	Amsterdão	23	18,4	2	SIM	SIM
C11	1821	Mai	23	M. J. Soares	Domingos de Oliveira Maia	Londres	25	20	1	NÃO	NÃO
C12	1821	Jun	2	N. H. Klingelhoëfer	Domingos de Oliveira Maia	Lisboa	23,2	20,2	2	NÃO	SIM
C13	1821	Jun	5	F. S. Constâncio	Domingos de Oliveira Maia	Paris	25	20,3	4	SIM	SIM
C14	1821	Jun	16	N. H. Klingelhoëfer	Domingos de Oliveira Maia	Lisboa	23,3	20	3	SIM	SIM
C15	1821	Out	17	F. S. Constâncio	Domingos de Oliveira Maia	Paris	23,6	18,5	2	SIM	NÃO
C16	1821	Nov	7	N. H. Klingelhoëfer	Domingos de Oliveira Maia	Lisboa	25	20,3	2	SIM	SIM
C17	1821	Nov	10	João J. Ferreira da Silva	Domingos de Oliveira Maia	Lisboa	22,8	18,7	4	NÃO	SIM
C18	1821	Nov	15	Martin Torres Moreno	Domingos de Oliveira Maia	Corunha	25	20,2	1	NÃO	SIM
C19	1821	Nov	17	João J. Ferreira da Silva	Domingos de Oliveira Maia	Lisboa	20,3	15,2	2	NÃO	NÃO
C20	1821	Nov	21	João J. Ferreira da Silva	Domingos de Oliveira Maia	Lisboa	20	15,2	2	NÃO	NÃO
C21	1821	Nov	24	N. H. Klingelhoëfer	Domingos de Oliveira Maia	Lisboa	23,5	20,4	2	SIM	NÃO
C22	1821	Nov	24	João J. Ferreira da Silva	Domingos de Oliveira Maia	Lisboa	20,3	15	2	NÃO	NÃO
C23	1821	Dez	1	João J. Ferreira da Silva	Domingos de Oliveira Maia	Lisboa	20,4	25,2	2	NÃO	SIM
C24	1821	Dez	5	João J. Ferreira da Silva	Domingos de Oliveira Maia	Lisboa	23	18,9	4	NÃO	SIM
C25	1821	Dez	13	Martin Torres Moreno	Domingos de Oliveira Maia	Corunha	25,1	20	2	NÃO	SIM
C26	1821	Dez	19	João J. Ferreira da Silva	Domingos de Oliveira Maia	Lisboa	25	20,3	1	SIM	NÃO
C27	1821	Dez	22	João J. Ferreira da Silva	Domingos de Oliveira Maia	Lisboa	22,3	16,9	2	NÃO	SIM

DOCUMENTO

1821, Novembro, 10, Lisboa. Carta de João José Ferreira da Silva a Domingos de Oliveira Maia, narrando a sua jornada até Lisboa e dando notícias das Cortes e outras questões. O remetente reencaminha e anexa uma carta que lhe enviada por A. Neto, referente a polémicas políticas. A transcrição segue as normas paleográficas de desdobramento das abreviaturas em itático, indicação de translineação e fólhos.

[Fólio 1]

Amigo Domingos /
Lixboa 10 de Novembro de 1821 /

Já por via de meu Tio, saberás da minha chegada a esta: / porem, *para que melhor* o saibas, eu te vou referir o como foi a jornada: / sahi dessa, pelas 6 horas da manhã do dia 2 e caminhei the / ao jantar a *Santo Antonio*; e próximo já a este lugar, começou / hum dos machos a manifestar-se doente: jantei e des-/cancei, e tentei depois continuar a jornada; porem, em vão o / tentei, pois *que* o macho estava a ponto de cahir: voltei a *Santo / Antonio*, e a *muito* custo consegui outro, deixando aquele (*que* igno-/ro se morreria) e então prossegui a jornada: chegado a *Oliveira /* fisérão-me apresentar ao Juiz de Fora, *para* referendar o Passaporte / e mais a hum rapás Conimbricense, *que* se me tinha reuni-/do e feito *muitos* oferecimentos (e a *quem* na verdade estou obrigado) pois, qu-/ando me vio zangado com a falta do macho, offereceo-me a sua / besta e instou *que* dispozésse della etc.^a, foi comigo procurar a ou-/tra etc.^a: chegado a *Oliveira*, reuni-se-me também hum *Estudante /* d'essa (irmão do Lopes Juiz de Fora d'Alcacer) e então principiá-mos / hua bella jornada, pois *que* admitia conversa e chaláça de gosto: / chegá-mos a *Albergaria*, e os dous *Padres* donos da Estallagem se esmerá-/rão em obsequiar-nos; tanto por *que* esse hé o costume, como por obsequio / ao Lopes; athé nos apresentarão hum *Senhor* Figuráo ex *Cappitam / Mor*, *para* jogar o Voltarete; accetà-mos a oferta, e suposto *que /* o tal Meliante era ladino, púz-me a jogar com reflexão, e sem-/pre lhe pilhei huns 3 pintos: porem, ficou-me *grande sentimento //* [Fólio 1 verso] de lhe não limpar o resto, *para que* elle se não gabasse, já *que* teve a ousadia / de jogar com *Estudantes* (nome por *que* passei todo o *caminho*) porem o tal Malan/drino, levantou-se e inda levou restos do tal dinheirinho por *que* tinha / puchádo e em *que* se me foráo os olhos ... Também estavam lá 2 / Frades, sendo hum Bento e outro Bernardo; eu me dispunha já *para /* cassuáda; eis senão quando soube-mos *que* hum era Oppositor, e por isso / escapárão em atenção ao Lopes: alias, eu hia principiar *pela* narra/ção do Carmelita d'essa, e depois.... Oh *que* coisas não diria!... havia de / exceder aquellas *que* tenho dito ao J. L. e Fr. G. porem escapárão: / passá-mos em Agueda, e (já *que* tudo passava por *Estudante*) verificá-mos as / maneiras Academicas; almoçá-mos no Sardáo e ahi não esquecerão os / costumados versos na parede etc.^a: na Moraria, tive bem direito de pro=/guntar =onde estão eles ...= porem tive medo, *por que* era-mos poucos: / jantá-mos na Mealháda, e ahi repeti-mos a Scena do Sardáo: / chegá-mos à noite a Coimbra e pousei na Estallagem da Gallega, / e parti logo *para* casa d'*Estudantes*, onde encontrei imensos *Patricios*, *que* se / esmerárão em obsequiar-me e athé nem me queirão deixar hir / *para* a Estallagem, querendo *que* lá me demorasse alguns dias etc.^a; porem / eu estive só thé as 10 horas, e pela manhaa sahi: *que* scena / foi porem a *que* se seguio!! Silencio, misantropia, mudez e solidão, / foi só o *que* tive quasi athé esta, por vir quase sempre só: almocei em Condeixa, jantei em Pombal,

onde havia hua feira (quasi se com-/punha só de porcos) e onde dei recomendaçõins da nossa bela Sussia, pois *que* logo me conhecerão, e fui dormir a Leiria: vim [Fólio 2] //depois jantar aos Moliá-nos (onde ouvi hua conversa d’huns ladroins / que não julgaváo eu os estava ouvindo dentro d’hua porta, e de *que* não gostei nada) e fui depois descançar a Rio Maior, onde ouvi na Estallagem / 2 lindas raparigas a cantar genuinamente, e vim depois dormir a / Alcoentre: aqui pernoitou também o *Batalham* expedicionário que / d’ahi veio, e que só chega a esta [riscado] hoje: fasiaão bastante bulha e me / obrigarão a ficar mal, isto hé peór, *que* o mau do costume, pois *que* / mal, já se não progunta; sahi pela manháa quando a eles, e então / tive ocasião de notar e admirar a imensidade de mulheres *que* os acom/panhão, e fasem hum 2.º *Batalham!* não sei qual hé o interesse / por *que* aquellas mulheres seguem a huns homens *que* nada teem para lhe [sic] / dár, pois *que* eles quasi nada possuem; e por isso se não póde verificar / *que* a avaresa hé quem persuade as mulheres: somente lhe descul-/pa, lembrando-me d’aquella historia do Cabeças, *que* já te ti=/nha contado = da talhadinha de Carne = há soldadinho, que / tráz 2!! vim nesse dia comêr a Villa Franca, e pelas 4 horas / da tarde cheguey a esta, vindo pousár à nossa Hospedaria, onde es=/tou no quarto *que* occupou o Santos; porem talvez (apesar de / peorár) mude para a Lacombe, para ter a companhia d’alguns Sargentos co=/nhecidos, como hé o Santos, o Neto, o Adrião Ferreri e alguns Ba-/chareis, afim de não perder o uzo da falla e poder conversar nas / horas vagas; já *que* a minha situação hé agora tão diferente do *que* quando / aqui estivé-mos e fisé-mos tão bella sussia: ora eis aqui a minha / jornada e chegada à Lisbia [sic], onde tudo encontrei igual, excépto // [Fólio 2 verso] o monumento *que* se anda fazendo no Rocío, estar quasi acabado o quartei-/rão queimado, pelo lado dos Capelistas, por se ter vendido a estes; porem não / succédo [sic] o mesmo pelo outro ládo, por *que* hé da Fazenda Nacional, contudo tam/bem, já se tem feito alguma coisa.

Agora depois de ter es=/ta escripta, recebo a tua estimada, a *que* em resumo vou dár a / devida resposta, se os dedos o consentirem (pois *que* com esta, fa-/sem já 8 cartas) declarando contudo, *que* poderão os dedos suc=/cumbir; porem nunca se fatigará o coração e a vontade de / conversar com hum Amigo a quem tanto préso. Inda / não fui às Cortes, e por isso não vi nem ouvi os tais / Cariócas, *que* considero bem como dises: contudo, apesar de / inda lá não ter hido, estou ao alcance de coisinhas ... / *que* não confio de papel, e só diria verbalmente...; e que não sei / se perceberás alguma coisa, pelos seguintes dictados = nem / tudo hé o que parece = contudo, assim mesmo digo eu = / aga-se el miraculo, aga-lo el Diabulo = acho alguma / razão ao Constancio; porem elle ouve tocar os sinos muito / ao longe; e acho boas as respostas *que* lhe dés-te; elle / lá vai despachado agora, conforme verás do Diario do / Governo, e como tu o tens, por isso to não remeto. /

Fico certo no mais *que* me recomendas, *que* diligenciarei / obter. Inda não falei ao Klinge-loefer, nem fui a / S. Carlos, nem nada, pois não tenho tido mais tempo / do *que* cogitar d’affaires: contudo em breve, quando tivér as // [Fólio 3] coisas mais bem encaminhadas, então gosarei. Não sei / se o Henrique mandaria a casa do Antonio Manuel dos Santos, bus/cár huns arbustos *que* lhe pedí para o teu quintal; se acaso / não mandou, manda-os tu buscar; igualmente em falando com o Doutor Antonio Alexandre, lembra-lhe os outros *que* lhe / pedí e *que* igualmente erão para ti. Vejo ter vindo da / Fós a ta família, e *que* muito viesse de saúde; / e por isso te rogo lhes faças os meus respeitosos cumprimentos. /

Já publiquei a tal historinha do Neto, *que* me fez rir / bastante, e a *que* elle dá a resposta abaixo. Eu re/comendo ao Henrique, para *que* diga ao Fonseca *que* se acaso fôr a Scena / o Periodiqueiro, *que* nada digão da tradução, e só ellogiem / ano anuncio a pela; pois *que* eu não tive tempo de a acabar / e menos de corrigir; e por te rogo também o recomendes. /

Fase-me o favor de recomendar-me ao *Padre Manuel Que/rino*, e também ao *Jose Maria Barreira*. Mais te rogo o favôr / de dares [riscada] as [riscada] minhas sinceras recomendações a teu mano / o *senhor Antonio Maya*, e faseres também os meus cumprimentos / à *Excelentissima Senhora D. Anna*, quando lhe falares. Termino / por agora a carta com diser-te *que* ahi se supõem dominan/te no Congresso, hum partido Aristocratico; e aqui / o supõem Democratico: ora vê lá, como são as coisas / como // [Fólio 3 verso] se supõem diferentemente !! Ora meu amiguinho, / adeos por agora: estimarei fisesses boa compra, troca ou / alborque no S. Martinho, e *que* náda valessem os mergu/lhos *que* se disem costumão dár ao *Santo*, os Estallajadeiros da /Feira; isto assim de te não incomodar, e seres (nesse Por/to) tão feliz como eu, pois *que* logo *que* cheguey, começou a / chuva fortemente; de maneira *que* me tem bem lembrado / também o tal rifão de = quem tem, e tempo / perde etc.^a =, por isso, sempre hé bom aproveitar as oca-/sioens <(sem o chega-me)> de *que* estou bem certo de te lembrar bem ... e por isso so / me resta repetir a sinceridade com *que* sou e serei sempre, / todo teu /

João /

P.S. /

Fui a casa d'aquelles Fulanos, e lhe / dei as tuas recomendações. Passei / em S. Francisco e vi aquelle pexinho / hum pouco desfigurado; não sei / se me pareceria, por ser já tarde; e / por isso inda *melhor* o verificarei /

<10 = Novembro = 1821-/

Joao Jose Ferreira da Silva /

Lixboa /

R> //

[Fólio 4 verso]

P.S. / Remeto essa carta *para que* vejas, pois *que* em algumas coisas, tem / rasão. Dis-se *que* o *Jose Liberato Freire* não foi em=/pregado na Diplomacia, *por que* há de acompanhar o / Principe Real nas suas viagens, e em qualidade de / seu Mentor. /

Q.R.S. [?]

Não hé esta a primeira vez que a maledicência, e a traição põe / a calumnia na boca da amizade *para* denegrir o bom com=/ceito, que o mundo deve juntamente formar da conducta de / alguns sujeitos, que se esmerão, lidão, e se esforço por merecer / a estima dos *homens* de bem, e *que* se a não conseguem, hé / por pouca fortuna sua. Não há aleive mais / falso, nem mais escandaloso, do que esse, que de mim / se assoalha. Tal facto não existio; e eu mesmo pasmo / e me horrorizo com a idea de que a perversa malignidade / do Seculo, em *que* vejo a luz, se tenha atrevido a tal em-/buste. Eu sou Amigo de *Antonio Thomaz Junior*; e lhe / sou obrigado; augustas relações *para* oppôrem huma bar/reira Sagrada e impenetrável ás *minhas* paixões. / Repito = tal facto hé falso = esta hé a *verdade*; falte-me / tudo, menos esta, primeira baze do character do homem / de bem. Meos princípios, e *minha* Sãa educação são ahi / bem conhecidos valha isto *alguma* coisa *para* desmentir / a falsidade, e fazer cahir por terra estalhada em / mil pedaços a mascara da impostura. / Eu // [Fólio 4 verso] Eu não posso descortinar que motivo oculto, de / que eu mesmo não quero desenredar o segredo, / obrigou o *Capitão Antonio Borges*, *que* se dis Meo / Amigo, e que (ouvio

disel-o) deve sel-o, a pa-/tentear tal brincadeira, que só por o ser, elle / o diria. Isso foi graça delle;
em tal penso. /

Por tanto valha o que eu digo: eu não / sei faltar ao que devo, e jamais faltarei / em
enquanto for = compos mei = o correio está / a partir, e os seos Amigos instão por *que* eu acabe /
eu o faço, oferecendo os rendimentos do / meo fiel respeito, e da atenção, com *que* sou /

De Vossa Senhoria /

Mui fiel Servidor

A. Neto //